

Waldomiro de Deus: cinquenta anos de arte¹

CAROLINE RODRIGUES FREITAS

DALTON OLIVEIRA DE PAULA

JULIANO MORAES

MARCELO MARI

O pintor Waldomiro de Deus fez cinquenta anos de arte. Grande vitória para os que apreciam ou vivem de arte em nosso país. A sagração de Waldomiro de Deus ocorreu na mostra do Redescobrimento – Brasil 500 anos. A homenagem feita para Waldomiro de Deus foi muito apropriada já que ele representa justamente o Brasil novo, o Brasil mestiço, de cultura popular extasiante no Trópico Sul. Ultrapassando os limites entre a pureza elitista da linguagem moderna da arte e os elementos próprios da cultura icônica popular, Waldomiro propõe a síntese contemporânea de elementos próprios de expressão da cultura brasileira ou da aclimação da norma externa aos particularismos locais. Em novos tempos, a síntese entre moderno e arcaico propugnada por Mario de Andrade ganha um tom político em Waldomiro na indignação frente às dificuldades dos mais humildes no Brasil. Palavras e sinais se apresentam na pintura de Waldomiro para indicar um novo estado de coisas em que vida e arte não se completam mais e a arte serve de alerta para a vida irrealizada na grande ilusão real de todos os dias, oferecida pelos meios de comunicação e de informação da nova era que se abre. Ser artista-político foi condição de vida para Waldomiro, foi imperativo de subsistência para o artista que surgiu entre as maiorias excluídas de nosso país; sua arte representa esforço de luta onde tudo lhe foi e é adverso. Waldomiro fez da adversidade o lugar privilegiado da transmutação das pedras em sonhos de pigmentos coloridos.

Eu queria que você falasse um pouco da sua trajetória desde o início até sua consagração.

Falar um pouquinho da vida, quando eu cheguei a São Paulo? Nas ruas de São Paulo, fui engraxar sapato e um dia, passando na rua, encontrei uma placa: precisa-se de um jardineiro. E aí o que aconteceu, eu fui trabalhar de jardineiro, então, eu cheguei na

casa do homem e ele me perguntou se eu já tinha trabalhado de jardineiro e eu disse: “_ Nossa já trabalhei, eu trabalhava na roça, eu plantava arroz, eu plantava feijão, arrancava feijão, eu quebrava milho”. Esse se chamava Pierre Zaportel, era um antiquário famoso de São Paulo, que eu não sabia, aí a sorte já estava começando, no fundo da casa desse homem, eu achei tinta, achei pincéis, eu achei papel e perguntei se ele poderia me dar pincéis e papéis para mim desenhar à noite.

Foi a maior besteira dele. Eu comecei a desenhar direto, comecei a gostar, eu fiz um enterro, o primeiro desenho que eu fiz um enterro, porque eu estava enterrado, já estava naquela situação toda, quando eu fiz aquele enterro, mostrei para ele, ele gostou muito daquele enterro: “_ Nossa, você tem talento para pintar!”. Ele ficou encantado e eu comecei a pintar à noite e já dava umas quatro, cinco horas da manhã eu estava ali dormindo, de manhã cedo acordava meio dormindo, ia trabalhar para ele dormindo no emprego e me mandou embora do emprego, peguei os desenhos, enrolei tudo na mão, botei debaixo do braço, sai pela Rua Doutor Arnaldo, descii peguei a Consolação, fui até o Viaduto do Chá e abri os desenhos tudo ali no chão, passou um americano, olhou e comprou os desenhos por 20 contos. Naquela época, 20 contos eram quase 70 dólares. Pensei, agora vou arrumar uma vaga num quarto para morar, porque eu estava sem lugar para ficar.

Isso foi em que ano? É a época em que você despontou na pintura, não é?

Comecinho de 1970. Nisso apareceu o compositor Theodoro Nogueira, viu os quadros, gostou e me mandou ir ao Jornal. Cheguei lá no Jornal, fizeram uma matéria minha e nisso eu conheci o Professor Américo Pellegrini da USP, que me arrumou uma exposição na primeira Feira de Artigos da Água Branca em 1972. Foi a primeira exposição que eu assim entrei com tudo, nessa exposição eu fiz só desenhos. O Marquês Terry Della Stiffa perguntou por que eu não pintava a óleo. Eu disse que não podia comprar tinta óleo. Eu nem sabia o que era essa coisa de tinta óleo. No outro dia, ele me pegou, me levou na Michelangelo, me comprou tinta óleo, me comprou tudo que eu precisava, cavalete, e disse: “_ Olha eu vou ajudar você em sua carreira, vou mudar seu nome para Giotto, porque você é um verdadeiro Giotto”. Em seguida, ele começou a fazer *cocktail* para a turma do Matarazzo e várias outras pessoas da sociedade; nessa época, veio o Pietro Maria Bardi e

comprou um quadro que virou acervo do MASP. Em seguida também apareceu o Professor Mário Schenberg e passei a ouvir o Professor com atenção, porque ele olhava os quadros e ia dando explicação quadro por quadro. Então aquele homem me despertou a atenção; de onde vem essa inteligência? Que eu estou precisando mesmo para me ajudar. Aí ele foi embora e me comprou dois quadros, daí eu perguntei: “_Eu posso visitar o senhor?” E ele disse: “_Meu endereço é São Vicente de Paula, pode me visitar”.

Quem era o Marquês Terry della Stuffa?

Eu comecei a ir direto, daí a pouco o Marquês ficou um pouco com ciúme, porque o Marquês gostava de uma pintura decorativa, queria que eu fizesse uma pintura decorativa, porque quem foi o Marquês Terry Della Stuffa? Terry Della Stuffa foi aquele que decorou o Palácio dos Campos Elíseos, quando a Rainha Elisabeth II esteve no Brasil. Ele começou a vender quadros meus naquelas grandes mansões. Em seguida o que aconteceu? Eu saí dali e falei: “_Professor Mário, eu vou sair da casa do Marquês, ele é maravilhoso, pessoa muito boa, mas ele quer que eu pinte uma pintura mais de flores, essas coisas e o Senhor já têm uma visão diferente”.

Foi nesse período que você pintou a Nossa Senhora de Mini-Saia?

Eu arrumei um pequeno quarto na Rua Augusta, Rua Augusta da moda, Rua Augusta que estava começando a Tropicália. Comecei a frequentar a Galeria Ouro Fino, a Galeria São Luis, lá na metrópole e toda coisa, os hippies, os cabeludos e tudo aquilo. Comecei a entrar no meio dessa turma. Eu tinha uma nossa senhora que eu carregava dentro da minha mochileta, dentro de um embornal que a minha mãe me deu e eu olhava aquela nossa senhora e olhava aquela moda bonita na Rua Augusta, aí eu disse: “_Eu vou modernizar Nossa Senhora, vou pintá-la com uma roupa moderna”. Pintei a Nossa Senhora de mini-saia, passeando na Rua Augusta, isso foi na década de 70 e poucos. Só que eu não sabia que ia dar uma briga tão grande, ia dar um escândalo tão grande. Em seguida eu pintei um Jesus usando bermuda, pintei um São Pedro tocando guitarra, depois que terminei, coloquei todos os santos na moda, mas com muito respeito, compreende, não tinha aquele negócio de depravação não, eu pintei porque eu queria modernizar,

eu queria trazer os santos para a moda atual, a moda que nós estávamos vivendo, o costume que nós estávamos atualizando e toda aquela coisa.

Em seguida, eu fui fazer uma exposição em Santos e apareceram dois padres, esses padres queriam me pegar e ameaçavam me bater na cara: “_Como você se atreve a pintar a Nossa Senhora de mini-saia? Vai pintar sua mãe de mini-saia, seu safado, seu sem vergonha”. Então, eu ficava assim desorientado, sem saber o que fazer e aqueles padres me ameaçando, querendo brigar comigo, criar confusão. Em seguida, um dia eu estava lá na exposição veio dois padres me benzer que eram do Diocesano de São Paulo, que vinham me excomungar, porque eu tinha pintado a Nossa Senhora de mini-saia e tinha uma imprensa toda falando, de ponta a ponta do Brasil. Aí vieram esses padres, olharam os quadros e um deles escreveu assim no livro de exposição: “_Os meus filhotes cumprimentam o artista Waldomiro de Deus pela sua inspiração elevada em Deus”.

Pronto aí acabou a barreira com os outros padres, mas mesmo assim, talvez por isso que eu não sou um pintor bem dado, minha pintura não é bem dada, porque ela é uma pintura forte. Ela não é uma pintura só para embelezar, é uma pintura crítica, compreende. Agora, eu estou fazendo uma pintura mais calma, por exemplo, eu estou fazendo uma santa ceia ali, com aquele roxão bonito naquela mesa lá com o pão e o vinho. Por exemplo, esse trabalho que vocês estão vendo aqui atrás é o No canto da cigarra, que a cigarra que canta à tarde, aquela coisa muito bonita. E eu fiz esse quadro também de reunião em família, esse é um quadro mais suave. Eu gosto muito daquele lado da crítica social, da crítica política também. É que às vezes causa um pouco de escândalo. Na década de 70, eu fiz essa exposição na Galeria de Arte, saí da Galeria de Arte e vim para São Paulo. Depois fui para Paris, porque os caras queriam me pegar de pau. Quando cheguei em Paris, eu fiz uma grande exposição na Galeria Antoinette, uma exposição muito boa, bem divulgada e nessa exposição apareceu o Salvador Dalí e tinha uma senhora com o nome de Maria Frias, ela me convidou para ir no apartamento de Salvador Dalí que era numa rua chamada Rue de Rivoli, chegamos lá ele não estava lá, ela deixou um bilhete para ele comparecer na exposição. E um dia eu estava na exposição, ele compareceu, viu a exposição e gostou, olhou os quadros, me abraçou, me deu um beijo e disse que gostou muito dos meus quadros. Só que ele falou em francês, compreende? Mas eu não entendia nada ainda, eu estava começando a aprender um francesinho

assim baiano, com sotaque baiano. Então o quê que aconteceu, daí eu voltei para o Brasil e fiquei fazendo essa viagem para Europa, São Paulo e tal. E na Rua Augusta eu continuei aquela movimentação, já não fui morar mais na Rua Augusta, fui morar na Rua dos ingleses. Na Rua dos ingleses ainda começou aquela época dos santos modernos, que a televisão me levava e criticava os santos. Chegaram a colocar um revólver na minha cabeça, o cara queria atirar em mim, porque eu tinha pintado a Nossa Senhora de mini-saia, tinha pintado todos os santos modernos. Me levaram para o matagal do Morumbi e queriam me apagar, então eu disse: “_ Vocês são religiosos? Eu não sou religioso, mas jamais eu teria essa ação que vocês têm. Eu jamais teria coragem de fazer com as pessoas o que vocês estão fazendo. Porque pessoas religiosas são pessoas que crêem e que acreditam em Deus. Se Deus amou o mundo de tal maneira, por que vocês fazem uma coisa dessas comigo?” Eu acabei convencendo eles.

Essa é a fase do primitivo-pop? Você se considera ainda um artista primitivo?

Primitivo-pop foi uma grande exposição que aconteceu na Fundação Armando Álvares Penteado na década de 70. Eu fui o único pintor primitivo a comparecer naquela exposição. Aí, na manchete dos jornais daquela época saía: Primitivo-Pop pinta astronauta. Porque eu pintava os brasileiros seguindo os americanos para ir para a lua, então eu fazia uma pintura realmente que além de ser pop, era como uma história em quadrinhos, porque eu escrevia nos quadros também. Eu nem sabia porquê fazia aqueles quadros, porque a pintura é um mistério que às vezes você faz uma obra na sua vida, que você transmite na tela para o olhar das pessoas. Elas estão enxergando muito mais do que às vezes o pintor retratou, mas não viu. Essa pintura às vezes transmite para esse espectador certa força, certa linguagem que às vezes até espanta o pintor com aquilo que a pessoa lê e relê na obra do artista. Por isso, uma vez o Umberto Eco falou que uma obra minha daria para escrever um livro. Naquela época, minha pintura era Pop, por causa da pintura do astronauta. Minha pintura foi primitiva. Quando eu saí do interior da Bahia, pintava estória de lobisomem, de mula sem cabeça, de saci. Eu não acredito que um trabalho meu hoje com os traços finos, com uns traços fortes, com essa luz, com toda essa composição, tenha algo de primitivo. Os primeiros trabalhos foram de uma fase bem primitiva ligada ao folclore.

Depois veio a fase dos astronautas, depois veio uma fase que eu pintava astronautas, uma fase planetária, só que nessa fase planetária em que eu pintava um trabalho ainda meio primitivo, porque os traços eram muito fortes, era uma pintura que eu não pesquisava muito as cores. Eu não sabia o que era composição, eu não sabia o que era equilíbrio, forma, luz, eu não sabia nada disso, então eu pintava de qualquer jeito e isso é do primitivo mesmo, mas o primitivo realmente, ele é um pintor nato, a arte já nasceu dentro dele.

Então, mesmo com toda essa simplicidade que ele joga na tela, isso se torna rico e se mostra a importância da criatividade do artista. O que precisa depois, por exemplo, ele entra numa universidade e aperfeiçoa mais esse conhecimento, ao elaborar cada vez mais esses traços, com o conhecimento dos professores. Isso é para alguns que querem começar a pintar e não sabem como. Tem que ir numa universidade para aprender mesmo essas coisas, agora, tem pessoas que já nasceram artistas. Por exemplo, o Dalton (de Paula) é um autodidata, ele não é mais um primitivo, ele é um pintor autodidata, um autodidata contemporâneo. Hoje a minha pintura é uma pintura autodidata e é contemporânea. Há poucos dias, eu dei uma entrevista à tarde para um jornal da Bahia em que eu disse: “_Eu não tenho inveja, nem do Picasso, nem do Portinari, nem de outros artistas, porque o mesmo pintor que eles foram, eu também sou. O mesmo mexer na tinta que eles mexiam, eu também mexo. As mesmas pinceladas que eles davam, eu também dou. A mesma busca que eles estavam buscando, eu também estou buscando”. Então realmente foram privilegiados, tiveram governo que apoiaram eles. Por exemplo, o Picasso foi um pintor que sofreu todos os seus problemas na Espanha, perseguições e tudo e teve que ir para França. Mas, ele teve a luta dele de pintor e teve as suas dificuldades grandes na vida. Como o Salvador Dalí, como outros pintores também. Mais tarde o quê aconteceu, teve os seus padrinhos que conseguiram realmente dar aquele apoio que ele mereceu, porque os trabalhos dele realmente são bons. Como nós tivemos o Portinari, como nós tivemos o Volpi, o Rebollo e vários outros grandes nomes da vida.

Você conheceu Alfredo Volpi e a segunda geração dos modernistas?

Conheci Volpi, eu fui na casa do Volpi com o professor Mário Schenberg, mas naquela época eu não sabia bem quem

era Volpi, eu era muito moleque, na década de 70. Naquela época, o Professor Mário me levava para exposições. Ele me levava também quando ele ia ser jurado de salão. E sempre que eu pintava um trabalho, ele olhava esse trabalho, ele lia esse trabalho e dava sempre uma orientação. Então graças a Deus eu tive um professor também que me fez aprender muita coisa com ele, sem ir à escola, mas aprendia ouvindo. Até quando ele morreu, eu fui à Assembléia Legislativa de São Paulo com todos os meus filhos, cheguei lá, ele estava lá no caixão. Aí eu peguei meus seis filhos, coloquei todos em volta do caixão e disse: “_ Vocês estão vendo esse homem aqui?” Falei em voz alta para toda a sociedade presente. Eu disse: “_ Esse homem aqui foi quem ajudou a vida do seu pai abaixo de Deus. Esse homem aqui me ensinou muita coisa na minha vida”. E ali eu fiz uma oração agradecendo a Deus por ele. E eu falei: “_ Deus, esse homem zelou tanto por mim aqui na terra, esse homem fez tanto por mim. Agora Deus, eu quero que tu pegue uma carruagem e através dos teus anjos tu leve ele até o teu reino celestial”. E tinha gente que ficou até chorando naquele momento.

Depois da passagem pela Europa, você foi para Israel?

Eu fiz uma viagem para Israel, fui morar em Israel, cheguei em Israel, eu fui fazer uma exposição em Jerusalém. Voltei para a Itália e preparei outra exposição em Bolonha e voltei para Jerusalém. Cheguei em Jerusalém, eu fui morar em um convento de freiras francesas, que foi a embaixada do Brasil que consegui para eu morar. Nesse convento de freiras, quando eu cheguei com o cabelo *Black Power* enorme, cinturão grande, botas, casacão inglês. Um dia de manhã, eu levantei e vi as pessoas entrarem num templo que tinha lá embaixo. Os turistas iam lá para rezar, para ver o templo onde Jesus comunicava com os soldados romanos. Um dia eu cheguei lá, botei meu joelho no chão e disse: “_ Oh Jesus, eu estou aqui, eu precisava de um toque teu. Se tu existiu mesmo e se tu existe. Se tu foi, se tu és e será, então toque em mim para eu sentir”. Naquele momento eu vi uma luz azulzinha e aquela luz veio em mim e tac, como se fosse aquelas coisinhas de espada. E ali eu me senti o homem maior do mundo, eu senti uma coisa, uma força tão grande dentro de mim. Daí para frente eu comecei a acreditar, passei a ter uma fé em Deus, muito grande. Lia as escrituras e eu me tornei uma pessoa que através dessa minha fé, eu acredito que coisas muito boas me aconteceram.

O que vem depois da fase do astronauta?

Depois da fase do astronauta, vem uma fase que eu pintava debaixo d'água, pessoas debaixo d'água, descobertas de outros planetas. Depois mais para frente, eu comecei a pintar soldados cabeludos, sobre aquelas guerra dos negros, certo protesto, compreende? Nessa época eu participei de uma Bienal de São Paulo e da Bienal de Salvador, foi na década de 70. Eu fui pintando, sempre mudando, sempre buscando entre o céu e a terra, buscando descobrir coisas novas, trazer uma mensagem, trazer Deus para os homens. Saber porque assim, às vezes o ser humano luta tanto para se aproximar de Deus e eu tentei, na pintura, me aproximar de Deus, chegar a Deus, trazer Deus até o ser humano e levar o ser humano até Deus.

Daí nessa vida de Israel, eu voltei para o Brasil, voltei para o Brasil e continuei pintando, fazendo assim coisas novas. E aí, nessa luta da vida sempre criando coisas novas, cada exposição que aparecia era um sucesso diferente, era um novo empenho que vinha para você. Por exemplo, como continua fazendo hoje, hoje eu estou fazendo 50 anos de Arte.

Como foi a continuidade de seu trabalho nos anos de 1980 e 1990?

Na época dos anos 80 e 90, realmente era uma época meio difícil, eu contei a minha história por cima, mas eu não falei do Geraldo Vandré. Em Paris, por exemplo, eu pintava e o Geraldo Vandré estava comigo, depois acabei indo para a Bélgica com o Geraldo Vandré, deu um problema na fronteira e o Geraldo Vandré acabou sendo expulso por aqueles problemas daquela missa famosa que ele fez lá. E deu uma confusão lá e o Geraldo Vandré estava sendo muito vigiado e eu não sabia muito dessas coisas e fomos até a Bélgica. Porque ele estava sempre comigo, dentro de casa, eu pintando e ele tocando. E na fronteira a polícia acabou descobrindo ele lá e ele também gostava de usar aquelas coisinhas dele lá e acabaram encontrando um negocinho dele dentro do carro e acabou dando problema para ele. Eu falei que não sabia de nada para não dar problema para mim, mas logo em seguida ele foi liberado, ele foi para França e eu fui para Itália. E nessa fase houve certa perseguição, porque eu me lembro que eu fiz um quadro, Abertura 84, era aquele quadro que eu pinte um povo dentro de uma caixa como se estivesse dentro de um cercado, enjaulado por todos os lados e ali dentro aquele povo massacrado,

aquele povo sendo torturado, sendo oprimido de alguma forma. E naquilo, eu pintei aquele quadro e botei o nome Abertura 84, que era uma caixa abrindo e o povo saindo com uma euforia muito grande, representando a democracia, a abertura total para um povo que estava sufocado pela ditadura. Tem um dos quadros meus que eu gosto muito, que até saiu num livro agora, um quadro que se chama Ensina-me a corromper, neste quadro eu mostro que o povo às vezes, ele ensina o político a corromper porque quando o político se candidata o povo quer saber: _ o que o senhor me dará? 5000 tijolos para eu fazer uma casa? Eu gosto do senhor, toda minha família. Se o senhor me der, nós votamos no senhor. Então, o próprio povo, ele ensina o político a corromper, então do mesmo jeito que eu pinto às vezes que eu faço a crítica do político corrupto daquele político que não está preocupado com as pessoas. Ao mesmo tempo em que eu pinto esse quadro criticando o político, mas eu pinto o povo também.

Waldomiro, qual foi a época em que você mais vendeu quadros?

A época em que eu mais vendi obras foi em 80 e 90, até 90 foi uma época muito boa de vender obras. Agora o que acontece, as obras vão ficando mais caras, por exemplo, você vê hoje uma obra que custa 10 mil reais, não é todo mundo que tem 10 mil reais. Eu encontrei um professor em São Paulo que disse: “_Waldomiro, eu queria tanto uma obra sua, eu ganho pouco por mês, será que o senhor não vende uma obra dessa para mim?” Eu disse: “_Tá bom pode levar, você é portador de educação”. Ele saiu tão feliz, coitado. Geralmente eu tenho dessas coisas, porque as pessoas que levam a cultura, a educação, você não pode nunca cobrar um preço que você cobra para galerias e para aquele tipo de pessoas que vão e compram um quadro somente para botar na casa deles. Então, por isso talvez que eu não sou uma pessoa rica. Outro dia, comecei a fazer xilogravura.

Você gosta de trabalhar com gravura?

Minha experiência com xilogravura foi muito engraçada, porque com 50 anos, você pensa que você está mais ou menos na Arte, aí chega um ponto que você não sabe de nada, que você está começando, está aprendendo tudo e, na Arte, você está com 50 anos e está iniciando. Quando eu comecei as gravuras, eu comecei a quebrar a cabeça um pouco e fazer calos nos

dedos para poder fazer as gravuras e me doía as mãos, me doía tudo. Consegui fazer 10 gravuras. Dez gravuras diferentes... Eu achei muito interessante, porque tem que fazer todos os detalhes na madeira. Eu já fiz xilografia também, gosto muito da xilografia, mas eu fiquei encantado assim com a gravura. Eu acho um trabalho muito importante, muito bom, que tem que ter uma técnica muito profunda. Minhas gravuras saíram meio assim primitivas, uma gravura mais primitiva do que o meu trabalho.

Como você veio parar em Goiânia?

Eu vim parar em Goiânia porque um dia eu vim fazer uma exposição aqui e gostei muito. Vendi toda exposição e tive um problema, pois meu filho tinha bronquite em São Paulo e asma por causa da poluição de São Paulo. Eu cheguei aqui em Goiânia, gostei tanto de Goiânia que eu disse: _Eu vou lá em Goiânia passear e nós viemos aqui diretamente de Marilda Passos, viemos na fazenda dela. Chegamos aqui, os filhos não quiseram voltar mais para São Paulo. Eu aluguei uma casa no Serra Dourada, fiquei um ano. Isso em 90, em 89 para 90. Aluguei uma casa, fiquei um ano e depois peguei a casa que eu tinha lá e troquei com essa casa aqui que era de um promotor. Depois em seguida comprei este terreno aqui do lado que era de outro promotor. E graças a Deus estou aqui feliz, alegre. E tenho o apartamento lá em São Paulo onde a gente pinta e é um lugar para a gente ficar lá e aqui e correndo por esse Brasil afora.

Você passa uma temporada em São Paulo e outra aqui?

Isso. Por exemplo, agora tem oito dias que estou aqui e já vou me mandar para lá essa semana.

Você podia falar um pouco dessa questão sobre seu engajamento com a arte popular, esse apoio que você dá aos artistas e agora recentemente a formação desse museu lá em Britânia?

Eu acho que a arte é uma coisa muito interessante, que você vê valor por todas as partes. Na arte, não pode existir fronteira, nem barreira, nem pode existir crítico, às vezes, fazendo exceção de arte, crítico que faz exceção de arte é crítico realmente que não tem um conhecimento profundo da arte,

porque eu acho que a arte é coisa profunda, você vê, um pintor acadêmico por mais que tenha passado, um pintor acadêmico mas a gente tem que respeitar os acadêmicos porque as grandes escola vêm dos acadêmicos. Por exemplo, o Volpi no começo ele parecia um naif acadêmico, você viu aqueles trabalhos dele de antigamente? Era um naif acadêmico, o Volpi. Pois é, a Djanira é uma autodidata, toda essa turma aí. Então o trabalho autodidata, você vê o trabalho do Godá. O Rodrigo Godá que foi conosco no Chile é um garoto que ficava aqui em cima conversando comigo. Peguei um bocado de tela, de chassi e dei para ele. Depois levamos os quadros dele para a Bienal de Piracicaba e daí para frente ele se lançou com tudo. O Marcos de Oliveira, nós chegamos lá em Salvador, encontrei o Marcos de Oliveira nas ruas de Salvador com uns quadrinhos debaixo do braço. Em seguida, eu vim para Goiânia e ele foi para Mundo Novo (MT), onde ele mora, de lá ele começou a telefonar para mim aqui, ligava a cobrar. Então eu falei para ele vir para cá de uma vez. Ele chegou aqui e eu peguei aquele quarto lá do fundo, tem banheiro dentro, tem tudo. Eu peguei uma quantidade de telas, 50 telas e deixei para ele, deixei tinta, deixei tudo e ele veio e começou a trabalhar, a pintar ali dentro. O que aconteceu? Daí ele se revelou um grande pintor, hoje está expondo em vários lugares do Brasil e do mundo e teve uma exposição dele individual em Goiânia estes dias para trás, vocês viram essa exposição do Marcos Oliveira? Uma exposição maravilhosa, maravilhosa, um pintor fantástico. Então, por exemplo, teve o Paulo Sérgio, que foi um pintor que estava no presídio e eu passei a escrever para ele no presídio. A primeira carta dele dizia: “_Sei que você ignora minha existência, sou um presidiário que me encontro na mão da justiça. Gosto muito de pintura, mas precisaria de uma opinião sua”. Eu comecei a escrever, fui ver o trabalho dele no presídio. Em seguida arrumei um advogado, o advogado foi lá ver os quadros dele, tirou ele da prisão. No dia, às seis horas da tarde, eu ia saindo com minha esposa, seis a sete da noite, ele chegou na porta em casa, ele foi solto. E disse: “_Eu tô saindo de lá da prisão, mas eu não posso ir para minha casa porque tem aquela turma lá e pode querer me levar para o mau caminho, então eu posso ficar aqui na sua casa um pouco?” Eu disse: “_olha eu vou sair agora, vou num coquetel, tem cavalete aí, tem tinta, tem música clássica, pode escutar Beethoven, Chopin, Strauss, e eu vou sair e toma conta da casa”.

Quando eu voltei era uma hora da madrugada e ele estava lá pintando, em seguida o Francisco Roque arrumou uma casa

para ele lá em Osasco na Vila dos Artistas. Ele casou e hoje ele vive a vida dele com os trabalhosinhos dele, parou aquela coisa negativa dele e hoje ele só se dedica à pintura. Porque a vida só precisa de um embalo, o homem é mau porque não tem oportunidade, eu cheguei num colégio na Bahia e fiquei impressionado. Bahia, 70% da população de cor, nesse colégio não tinha uma pessoa de cor estudando. Eu digo como, aí eu falei no colégio: “_como, professora, a senhora me desculpe, como que a educação desse país vai ser uma educação maravilhosa, olha quantas pessoas de cor tem aqui dentro? Um lugar que tem 70% da população de cor e não tem uma pessoa de cor estudando aqui dentro”.

Waldomiro, então hoje seu quadro fala de política? Por que existe uma democracia étnica no seu quadro?

Pois é, é a política. Por que aqui tem alegria? Tem alegria. Você vê aqui que eles são alegres. Essa é uma família ainda que tem pai, é aquela família ainda que não foi destruída, aquela família bonita que não foi destruída ainda. Porque a maior desgraça para uma família é quando um filho entra na droga ou entra no alcoolismo que é uma droga também que destrói. Você vê pai sofrendo, você vê mãe sofrendo, a família toda sofrendo por causa dessa desgraça aí que impera no planeta terra, que está consumindo o ser humano. Você vai dentro dos presídios você fica impressionado de ver tanta gente jovem, jovem que é o futuro desse país tudo pendurado lá dentro daquele presídio naquelas grades de ferro como se fosse macaco. Pessoas que são realmente o futuro, que são as rosas preciosas desse país sendo todos dominados. Falta de educação, falta de oportunidade e falta de amor também.

Por que você falou da escola, dessa falta de democracia na escola que tem maioria de brancos. Então, quer dizer, não é um país igualitário. Não existe democracia racial e as oportunidades são diferentes?

Dizem que não tem. A oportunidade é diferente, agora eu acho se quer dar direito às pessoas estudarem, então abram as portas de todos os lados, pague bem para os professores, para os professores fazer um trabalho melhor com os alunos, dar educação melhor para os alunos e realmente fazer algo

melhor possível para que as pessoas possam retribuir. Porque se você é bem tratado você vai procurar dar uma educação melhor para o povo, mas se você é maltratado numa escola... Por exemplo, você vê agora esses dias um aluno que pichou a escola e que a professora foi falar, o sem vergonha do pai ainda ficou lá abraçando o filho, chorando com o filho porque ele pichou a escola, porque a professora mandou limpar a escola, mandou pintar a escola. E o sem vergonha do pai ainda sendo contra a professora.

Waldomiro fale um pouco do seu trabalho. Por exemplo, aquele ali, aquilo é uma enchente na fábrica, não é isso?

É uma enchente na fábrica.

Então é um tema ligado ao mundo industrial de São Paulo?

Pois é, essa enchente na fábrica aí também pode ser várias coisas. Pode ser uma enchente de fracasso do operário. Pode ser uma enchente do operário ganhando uma mixaria que não dá para ele fazer nada, que não dá nem para ele comer, não dá nem mesmo para ele pagar os transportes que ele usa para ir para fábrica. Então pode ser uma enchente, uma encheção de saco do trabalho que ele fica ali porque é o jeito mesmo, porque não tem para onde ele correr. Então é um trabalho que mostra essa devastação da água dominando, da água também. A obra fala de vários ângulos, ela transmite significados de várias formas. Por meio da Santa Ceia, ali eu coloquei uma santa ceia bem moderna, eu coloquei um pouquinho delicado, com as roupas mais antigas para não ferir muito o idoso. Hoje eu estou querendo ser um pouco mais doce, mais limpo. E aqui esse casal, esse casal suave aqui em cima da rede, o canto da cigarra, olha a cigarrinha aqui no canto ela cantando e essa paz. Ainda se encontra paz, por exemplo, eu ponho minha rede ali, curtindo esse céu de Goiás, olhando para esse céu, gosto muito de andar para o cerrado, curtindo o cerrado também, olhando essas paisagens bonitas e pedindo a Deus que os homens não as destruam completamente; eu tenho pintado muitos quadros que refletem o problema da destruição da natureza e o ser humano, por destruir a natureza, está recebendo sua recompensa. Veja mesmo o tanto de raios que têm caído, destruindo o ser humano; as enchentes que estão acontecen-

do, as secas, tudo isso. Então, o que nós plantamos, colhemos. Tudo isso. E isso não é nada, você vai ver daqui para frente, o que vai acontecer daqui para frente.

Waldomiro você podia falar um pouquinho como é o seu método de produção, como você define seu tema?

O meu tema é como eu te falei é um tema autodidata, porque eu sempre procuro motivos atuais, estou sempre buscando dentro dos acontecimentos, o que está acontecendo no planeta. Só que agora eu estou um pouco mais afastado, deixando de lado um pouco, e procurando um pouco mais as coisas mais religiosas.

Mas por que isso?

Sei lá, você vê tanta confusão em cima do ser humano, tanto problema em cima do ser humano. E depois outra coisa, por você pintar uma pintura forte, uma pintura com temas polêmicos, uma pintura que retrata o dia a dia, que às vezes fere os calos de algumas pessoas, você não vende quase esses trabalhos, são trabalhos que vão para museus. Agora, o que imortaliza o artista é museu. Não é porque o artista vende uma quantidade de quadros aí que ele é bom artista, não. A arte é uma coisa misteriosa, o artista bom realmente é aquele que está com as obra imortalizada nos museus, na Pinacoteca, entende? Então, por exemplo, eu me sinto feliz nesse ponto porque eu vejo que na Pinacoteca do Estado, o que tem de trabalho meu é uma coisa maravilhosa. Por exemplo, na exposição Brasil 500 anos, na entrada da Brasil 500 anos, você foi lá? Era minha aquela obra na entrada, painel de 4 metros de comprimento. Então são obras que estão na Pinacoteca, tem outro trabalho lá que chama Abismo, abismo que é um trabalho também da política, da política jogando fogo dentro do abismo e afundando cada vez mais, compreende? E o povo feliz porque está vendo uma bola no pé do Ronaldinho, do fulano de tal. Enquanto eles estão felizes com a bola e estão só batendo palma e gritando Corinthians, Flamengo, Vasco, aquela alegria, está aí o político comendo do melhor possível, ganhando o melhor possível e eles chupando dedo. E a violência crescendo cada vez mais no país, o desespero é cada vez maior, gente devendo, casas alugadas em toda parte, cercas elétricas cobrindo as casas de ponta a ponta. Não tem aqui na minha, mas

you are here pelo bairro, é só cerca elétrica. Isso mostra realmente a situação dramática, que se vive numa cidade, e a violência dominando totalmente. Porque numa rua que é sossegada você vê que a casa não precisa de cerca elétrica, tem casa ali para baixo que você vê televisãozinha de um lado, televisãozinha do outro, com uma coisa do lado, cerca de arame do outro, aquele medo, aquele pavor e você vê que os ladrões não respeitam. Deus tem nos guardado aqui e livrado do perigo. Porque nós temos uma fé, uma segurança muito grande em Deus, porque se nós não tivéssemos a segurança em Deus para nos guardar nesses dias de hoje, a gente está perdido.

Waldomiro, conta um pouco sobre aquele episódio que aconteceu em um hotel e você teve que recolher o seu trabalho porque falava de política.

Ah, porque aquela exposição foi assim.

Foi em qual hotel mesmo?

Eu não vou falar o nome dele, deixa para lá, aquele hotel já fechou. É um hotel de São Paulo, muito chique, ali na Rua Augusta, do lado da Avenida Paulista. Eles me convidaram para fazer uma exposição no Festival Internacional de Cinema. Aí eu falei

_Eu posso levar alguns quadros que retratam a política e, às vezes, a religião?

Porque eu sou religioso, mas eu critico também o religioso ganancioso, o religioso que faz de Deus negócio, que faz da palavra de Jesus Cristo, negócio, que ele negocia. Ah, Jesus é bom, olha se você passar a crer em Jesus, Jesus vai te dar uma mansão me dá tanto, tanto, tanto que, compreende? Então realmente eu acabei fazendo alguns quadros mostrando, criticando esse lado. E mostrei também os políticos bons. Quando eu coloquei os quadros lá foi algum desses políticos que eram da corrupção, corruptos, que estava se hospedado no hotel. Aí o dono do hotel correu, tirou os quadros sem minha autorização, sem nada e escondeu lá debaixo de não sei o que, do porão do hotel. Aí, moço! Quando foi dia de segunda-feira, a exposição ficou sexta, sábado e domingo; quando foi segunda-feira, eles tiraram os quadros cedo e o gerente telefonou pra mim. Mas graças a Deus que existe uma imprensa democrática, uma imprensa livre que nós temos ainda e que tem

um olhar amplo, um olhar realmente de quem vê por todos os lados. O Estado de São Paulo, o Jornal da Tarde imediatamente logo fizeram grandes matérias e acabou fazendo um auê e vieram protestos do mundo inteiro.

Voltemos aos astronautas, pois eles lembram a conquista do espaço.

É alcançar o espaço, que agora está ficando tão comum.

Mas acho que na época era como um marco na cultura.

Era uma festividade, era como a copa, como a copa que vai ter aí para 2016. Eu não sei até o tanto que é bom isso. Eu acho que se se investisse mais na saúde e na educação do povo seria muito mais sadio.

Mas hoje tem isso e viram verdadeiros shows, não é? É pão e circo.

Pois é, mas finalmente o povo gosta disso, porque o povo tem uma arma muito grande na mão que é o seu direito, mas eles não sabem aproveitar dos seus direitos, eles vivem de alegoria, o povo vive de alegoria. Então cada povo tem os políticos que merecem, o que se vai fazer? Eu acho o Lula ótimo porque é um cara autodidata que conseguiu dar uma virada na moeda, valorizou a moeda brasileira só que ficou difícil do brasileiro ter no bolso dele. Que adianta ela estar valorizada e você não ter no bolso? Então, mas é um cara bravo, um cara ousado que botou para quebrar, eu respeito muito ele, gosto muito dele.

Ainda não é uma questão plena, mas é um caminho.

É um caminho, eu creio. Porque você vê hoje o que estava aí no passado e a também a corrupção era do mesmo jeito. Nesse país nosso para poder chegar, para ter um político bom precisava pegar duzentas mil crianças levar para a escola, botar professores maravilhosos para educar eles e dizer vocês vão ser os político desse país, ensinar eles, ensinar o que é corrupção e o que não é ser corrupto e dizer: “_agora vocês vão tomar posse desse país e vão dirigir esse país”.

NOTAS

1. Entrevista com o artista Waldomiro de Deus realizada em Goiânia, 04 de setembro de 2009. Transcrição: Bárbara Lopes Moraes, José Antonio Loures Custódio, Luana Lopes Xavier

Recebido em: 23/11/2010

Aceito em: 25/02/2011

NÚCLEO DE ESTUDOS MÁRIO PEDROSA

marcelomari.fav@gmail.com

Está vinculado à Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás e dá continuidade aos esforços realizados por instituições públicas visando incentivar e aprimorar o debate sobre História e Crítica de Arte no Brasil e aprofundar os estudos sobre o legado da trajetória de Pedrosa para se pensar a produção artística moderna e contemporânea.